



Os moradores receberam o prefeito com faixas e cartazes. Hermes considerou normal o desabamento devido à velocidade dos ventos

Morador de Maria Ortiz exige mais segurança

“Uma verdadeira vergonha” e “isso aqui é uma arapuca montada para a gente”. Essa foi a reação dos moradores do conjunto habitacional Maria Ortiz que teve dez casas totalmente destruídas e 15 parcialmente danificadas em consequência dos fortes ventos que varreram a cidade na terça-feira. Ontem pela manhã o prefeito Hermes Laranja esteve no local e foi recebido pelos moradores com faixas e cartazes exigindo segurança nas casas erguidas pela própria prefeitura. Enquanto o prefeito visitava as famílias, moradores vaiavam cabos eleitorais do PMDB e gritavam: “Agora é Élcio”.

Nem mesmo a Kombi da prefeitura de Vitória carregada de pão e leite, distribuídos entre os moradores, serviu para acalmar os ânimos da população, que estava revoltada. O prefeito limitou-se a dizer que ficou “entristecido” e prometeu apenas “estudar a possibilidade” de fazer o reboco exterior de todas as casas do conjunto e construir vigas de sustentação no interior. Hermes Laranja garantiu que as oito ou 10 famílias — de acordo com sua avaliação — seriam transferidas ainda ontem para outras casas recentemente construídas no conjunto.

O prefeito Hermes Laranja garantiu que, as casas construídas em Maria Ortiz — a prefeitura pretende entregar as 459 unidades do conjunto

até o início do próximo ano — são seguras, no que obteve a confirmação do secretário de Obras, Arthur Campagnoli. Eles tentaram minimizar os efeitos dos desabamentos, lembrando que em toda a cidade ocorreram fatos semelhantes. O secretário de Obras chegou a dizer que no colégio Salesiano, “todo em estrutura de aço”, ocorreu destelhamentos.

Ao ser questionado sobre a não-inclusão, no projeto original da prefeitura, da construção de vigas de sustentação, o prefeito respondeu: “Era um projeto muito caro”. Ele achou normais os desabamentos considerando-se a velocidade dos ventos que chegaram à cidade.

Enquanto isso os moradores, revoltados, reclamavam da segurança das casas construídas pela prefeitura. Nas paredes internas, basta um pequeno empurrão para as estruturas simplesmente balançarem; a massa colocada entre os tijolos desfaz-se na mão. O morador da quadra U — a mais atingida de todo o conjunto por estar localizada em frente a um descampado —, o garçom Genair Leão, levantou o teto de sua casa com a maior facilidade, suspendendo inclusive parte do tijolo que compõe uma das paredes.

Ele que também teve sua casa parcialmente destruída reclamou de prejuízos com móveis e

disse: “Da prefeitura eu só quero que ela me forneça o material para consertar minha casa. Não quero ninguém da prefeitura consertando porque senão eles fazem porcaria, por isso, prefiro fazer tudo sozinho”.

Sua vizinha, Maria Luíza Tozi Ferreira, viúva, 34 anos e com três filhos, voltava na terça-feira da casa de sua mãe quando viu sua casa completamente destelhada. “Mande meus filhos de volta e passei a noite toda aqui sozinha, sem dormir, vigiando minhas coisas”. Com a pensão que recebe no valor de Cz\$ 620 — “Isso não dá nem para comer” — ela não sabe como fará para consertar sua casa. Até ontem, segundo ela, ninguém da prefeitura a havia procurado.

Outros moradores computavam também seus prejuízos. Francisco Dias Diniz, morador da casa 2 da quadra U, por exemplo, perdeu sua televisão e diversos imóveis. Geuseli Leão, moradora da casa de número 23 da quadra Z disse que a falta de segurança nas casas — em Maria Ortiz já era sentida há bastante tempo. “Não é preciso nem mesmo um vento forte para a casa toda balançar. Por incrível que pareça, você não tem segurança nem mesmo para encostar na parede porque ela treme”, comentou revoltada.